

OLHAR

da Psicanálise

sobre a angústia

NA ESCOLA

RESUMO

As escolas recebem jovens que vivenciam angústias geradoras de conflitos e sintomas. À criança, saber de seus problemas favorece que ela os possa resolver. Esta é uma clínica onde um adulto recebe a palavra e o sofrimento dos jovens, escutando-os e colocando normas eficazes para substituir ações destruidoras por um lugar possível no mundo.

PALAVRAS CHAVES

dificuldade escolar; angústia; psicanálise, atendimento familiar

¹.Médica, Psicanalista e Psiquiatra. Professora adjunta aposentada e voluntária do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP. Doutora pelo Instituto de Ciências Biomédicas da USP- São Paulo. Coordenadora do Programa de Extensão Cada Doido com Sua Mania e do Projeto A Clínica na Escola: acompanhamento psicoterápico da criança com dificuldade escolar.

INTRODUÇÃO

As experiências vivenciadas pela equipe do Projeto de Extensão **A clínica na escola: acompanhamento psicoterapêutico da criança com dificuldade escolar** reafirmam a necessidade de um trabalho interdisciplinar visando a melhoria das condições de aprendizagem e promoção de inserção e de interação desta criança com o ambiente escolar, oferecendo espaço de escuta de suas angústias e conflitos. Nesse sentido, o projeto tem atuado desde 1998, na Escola de 1º Grau José Áureo Monjardim², em Fradinhos, Vitória-ES.

O projeto está vinculado ao Centro de Atenção Continuada à Infância, à Adolescência e ao Adulto – CACIA do Programa Cada Doido com Sua Mania – CDSM, contando com a parceria da Universidade Federal do Espírito Santo, da Secretaria da Saúde – SESA e do Núcleo de Psicologia Aplicada da UFES através do Estágio Supervisionado “Psicanálise com crianças, adolescentes e adultos”.

OLHAR DA PSICANÁLISE SOBRE A ANGÚSTIA NA ESCOLA

A criança traz qualquer coisa de inédito e ela contribuirá para a edificação do mundo que a recebeu. Freud apontava que aqueles que se preocupam com as crianças têm por função lhes dar vontade de viver e interesse pelo mundo. O pequeno sujeito irá entrar na ordem da cultura, nele vai ser introduzida uma dimensão subjetiva que deve levar em conta a pulsão pela qual o pequeno homem e a pequena mulher resistem ao ideal normativo e à identificação. Esta resistência é a invenção de cada criança, que deve encontrar um lugar no mundo que a precede.

²Escola de 1º Grau José Áureo Monjardim – JAM – Vitória. Parceria UFES/PROEX – PMV – ES.

A criança não deve ser deixada ao seu próprio destino, deve-se acolhê-la, dar lugar à sua invenção singular. Isto introduz responsabilidades no mundo dos adultos no qual elas serão recebidas. Se este lugar daquele que a acolherá estiver vazio, a criança corre o risco de ter que se virar sozinha. Assim, faz-se necessário que adultos estejam disponíveis à criança até que ela possa dispensá-los.

A primeira instituição que atravessa a criança é a família. Nesta, a criança tem a possibilidade de estruturar-se como sujeito e desenvolver suas chances de sobrevivência e adaptação ao mundo. Sua estruturação depende do lugar de desejo que ela ocupa para cada um dos pais ou dos que ocupam as funções parentais. Na família, a criança tem a chance de viver os sofrimentos necessários à sua constituição enquanto sujeito desejante, submetida às vicissitudes das leis e normas familiares. É neste espaço que a criança vai tentar resolver suas grandes questões de existência e de saber: - Quem sou eu? O que querem de mim? O que tenho? Sou homem? Sou mulher?

Pode-se dizer com Lacan, que a criança é o sintoma dos pais. Assim como seus pais resolveram - ou não - suas questões de existência, estes irão colocá-las em cena nas suas relações com a criança. Por isto, nem tudo às vezes dá certo e a criança nem sempre se desenvolve harmoniosamente. A criança pode, além de ser o sintoma dos pais, apresentar sintomas que denunciem estas questões. Assim, ela pode adoecer e não se desenvolver plenamente, ser

excluída do campo da linguagem e do saber, bem como apresentar sintomas de menor ou maior gravidade na esfera psíquica.

A criança tem uma segunda chance - segunda como ordem de importância, que é a escola. Na escola, principalmente nas precocemente apresentadas, como a creche e a pré-escola, a criança com dificuldades no seu processo de desenvolvimento tem a possibilidade de encontrar um ambiente mais saudável e mais acolhedor, menos submetidos às questões de existência de seus familiares e resolver junto com os professores e seus amigos as grandes questões de sua inserção no mundo humano.

A psicanálise pensa a criança como ser ativo, com necessidades e demandas específicas para este período. Na época em que a criança vai para a creche, ela está traçando os alicerces fundamentais de sua estruturação como sujeito humano. É um período importantíssimo na vida da criança, pois nesta ocasião ela aprende a se locomover, a falar, a organizar suas expressões e desejos e fundamentalmente a resolver questões próprias estruturantes sobre sua origem - quem sou eu? - que inclui a própria noção do eu e do desejo e também questões sobre sua identidade de gênero: - quem sou eu, homem, mulher?

Como as crianças entram no saber? Perguntando, brincando e com o corpo (fazendo, desenhando, dançando etc.). Esta entrada no saber, que é uma demanda da criança, vai levá-la à aprendizagem das coisas e das letras. Mas a criança coloca nesta busca todo o seu ser, real e fantasístico. Por exemplo: se a criança acha - porque lhe foi dito assim - que seu interesse pela descoberta da sexualidade é sujo, vão aparecer sujeiras quando escreve como uma tentativa de denúncia e resolução. Se a criança se sente culpada pelos seus

interesses, esta culpa vai aparecer. Se a criança é muito reprimida pelos adultos, ela vai ter poucas possibilidades de perguntar e aprender. Isto que se chamaria de repressão tem a ver com dizer a verdade das coisas do mundo. Como acontece esta repressão? Não dizendo nada ou dizendo muito mais do que a criança suporta, que poderia ser uma hiper-repressão ou uma hiper-liberdade.

Se a criança está mergulhada num ambiente muito agressivo e não acolhedor, toda sua libido estará direcionada para entender o que acontece na sua família ou no ambiente onde ela vive e vão sobrar pouco interesse e libido direcionados à escola. Esta criança precisa ser ouvida nessa sua questão primordial para que a escola tenha alguma chance de incluí-la num saber mais generalizado e mais socializado.

O convívio com outras crianças facilita a aquisição destas descobertas, mas é necessário um adulto que acompanhe este percurso e a ajude a organizar estas questões e a suportar o sofrimento necessário que estas descobertas impõem, como a perda da onipotência irrestrita, do narcisismo preponderante e da noção de que sempre haverá alguém para supri-la totalmente. A parte mais importante desta tarefa cabe aos pais, mas eles podem ter uma grande ajuda da creche e da escola para a resolução destes desafios.

A escola tem que se preparar para a beleza e o fascínio que é participar da entrada da criança neste universo estruturante da linguagem e da sociedade. A escola deve ser aquela que permita à criança ser ativa e a expressar as suas questões com a propriedade e diferenciação própria de cada criança. Assim, já não se pensa mais a escola produzindo uma pedagogia de processos massificados e rigidamente estruturados,

mas que permita à criança a livre expressão e produção. Com isto, ela poderá expressar mais facilmente e com menos sofrimento suas questões de identidade.

Uma escola assim poderá permitir muito às crianças, principalmente apreender a noção de que sempre haverá algo que falta e a se organizar em cima desta premissa básica da humanização. Isto, muitas vezes, deixa os pais culpados e por dificuldade de lidar, eles próprios, com suas perdas e faltas, têm a vontade de dar a seus filhos tudo o que tiveram e o que a eles faltou. A escola pode ser o lugar de mostrar às crianças as normas e valores que regem a sociedade e a facilitar sua entrada no processo de socialização, seja através do convívio com as professoras e com os amigos, bem como com as próprias leis institucionais que elas desde cedo aprendem a reconhecer e a respeitar.

Para o jovem que encontra dificuldade em se socializar e aceitar as normas cabe ao adulto não colocar normas mais rígidas, mas ir além delas e entender o detalhe deste sujeito, não no sentido de uma homogeneização, mas no sentido de uma orientação que respeite sua singularidade, tomando-a, no entanto, pelo conjunto das normas sociais. Dar a cada um a mesma oportunidade de integrar-se não significa dar o mesmo, mas levar-se em conta as variações necessárias detrás do detalhe do sintoma de cada um.

A função do adulto responsável, interdisciplinarmente orientado, é tirar a criança do domínio da pulsão de morte e destruição, e ajudá-la a encon-

trar as ficções necessárias para construir sua história com possibilidades de inclusão no mundo. Permitir a criança um percurso singular, fora dos aspectos danosos do seu gozo pulsional e do gozo pulsional dos seus pais.

A criança tem outras chances neste seu processo de estruturação como os parentes, os amigos, os vizinhos, outros profissionais como médicos e recreadores que podem ajudá-la neste percurso a ser trilhado na infância e que podem suprir o que faltou na família e na escola. Quantas vezes uma palavra bem dita por um vizinho ou um médico ou um amigo produz um grande efeito na vida de uma criança?

Muitos profissionais, de diversos campos, estão se aprofundando e se comprometendo com as vicissitudes de que sofrem os jovens de nossos tempos. Buscam novas respostas frente ao horror e à impotência que os sofrimentos e ações dos jovens (às vezes violentas, loucas e transgressoras) confrontam o profissional, principalmente em serem adultos em um mundo que se infantiliza e se desresponsabiliza cada vez mais.

Talvez tenha chegado a hora de trazer à cena o trabalho junto a crianças e adolescentes desenvolvido tanto no NPA³, no Projeto de Estágio "Psicanálise com crianças, adolescentes e adultos"; no CACIA⁴ do Programa de Extensão Cada doido com sua mania CDSM, da UFES - que recebe crianças e adolescentes encaminhados pelo Hospital Infantil Nossa Senhora da Glória; e na Escola de Primeiro Grau José Áureo Monjardim da PMV no qual é desenvolvido o Projeto de Extensão da UFES "A clínica na escola: acompanhamento

³Núcleo de Psicologia Aplicada da Ufes.

⁴Centro de Atenção Continuada à Infância, à Adolescência e ao Adulto.

psicoterapêutico da criança com dificuldade escolar, no sentido de mostrar o quanto se aprende quando verdadeiramente se escuta as crianças e suas famílias.

Jamais vou me esquecer de uma criança de cinco anos que chegou ao NPA como epilético. Havia algo no seu discurso e no de sua família, bem como na conduta clínica, que fazia interrogar este diagnóstico. Foi esclarecido que a criança teve um ataque na creche e quando a mãe chegou para buscá-lo escutou: "Seu filho teve um ataque epilético". Ela ficou perplexa e o repetiu para o médico que por sua vez selou o diagnóstico: - "Seu filho é epilético". Coube ao analista que o atendeu interrogar estas circunstâncias e retirar a criança deste lugar que não era o seu. A criança apresentava dificuldades - era irritadiça, pirracenta e angustiada - mas que não eram da ordem da epilepsia e coube ao analista observar e escutar corretamente o que a criança queria mostrar com seu sintoma.

Uma conduta de escuta permite à criança e à família dizer na relação com o profissional, que o acolhe e o escuta, o que está acontecendo. A quem está escutando cabe suportar e sustentar este lugar com os recursos disponíveis na sua formação profissional e na Instituição onde ele está trabalhando.

O projeto de **extensão**⁵, desenvolvido desde 1998, tem tido como objetivo oferecer um espaço psicoterapêutico para crianças com dificuldades na escola. O primeiro passo tem sido o acolhimento da demanda dos educadores e das crianças. Após este acolhimento, têm sido realizadas entrevistas com as crianças e seus pais para uma compreensão diagnóstica. As crianças com dificuldades foram encaminhadas para psicanálise.

Durante a atuação da equipe, foi observado que as crianças participavam, contribuíam e se responsabilizavam pelo seu trabalho terapêutico, surpreendendo a forma como elas respondem ao tratamento. Por exemplo, elas queriam conversar com o analista e pouco a pouco seus sintomas tendiam a ceder. Outro fato curioso ocorrido na escola foi a procura espontânea de crianças e adolescentes, que buscavam um espaço de escuta, sem ter sido encaminhados pela professora ou pedagoga. Alegavam que perceberam o quanto seu amigo melhorou, ou ouviu dizer que uma amiga estava gostando muito ou mesmo já traziam uma questão para ser tratada. Esta demanda dos jovens sempre foi acolhida, respeitando seu pedido.

Com a diminuição da angústia, os conflitos, as dificuldades familiares e escolares apresentaram uma melhora, o que favoreceu a participação da criança na escola e contribuiu para surgir uma alegria pela vida que não se via anteriormente. Foi observada uma grande implicação dos pais neste projeto, tanto como co-partícipes do tratamento e da educação de seus filhos quanto por trazer questões relativas às suas próprias vidas incluindo a paternidade e a maternidade.

A experiência vivida neste projeto nos ensina que possibilitar que uma criança tenha noção de seus problemas favorece que ela possa resolvê-los com a chance de ter uma vida mais responsável e feliz. Dá-se lugar assim, a uma nova conduta onde um adulto possa receber a palavra e o sofrimento dos jovens, escutando-os e oferecendo-se para acolhê-los.

Outro ponto a se destacar é que na interação com esta equipe, os professores e orientadores passaram a escutar melhor os alunos, o que

contribuiu para um melhor processo de aprendizagem. Também foi relevante o que esta demanda causou naquele que estava escutando o que o jovem ou sua família tiveram a dizer. Muitas vezes, esta escuta provocou angústias que fez o profissional da educação buscar mais saber e mais recursos na sua própria subjetividade e na Instituição onde estava atuando, para poder ter uma ação eficaz no sentido de oferecer uma análise e solução possíveis à questão em causa.

No CACIA, tem sido um desafio receber crianças que sofreram graves acidentes, estavam adoecidas do corpo e da alma, em briga com suas famílias e com tentativas de suicídio numa época quando deveriam estar brincando de bonecas e carrinhos. Tem-se tentado entender o detalhe de cada criança, levando em conta sua família e o sintoma que os une e principalmente respeitar que lugar do jovem é na escola, jamais interferindo neste espaço sagrado e libertador para eles. Este trabalho tem sido feito através de oficinas terapêuticas (modelagem, imaginação usando jogos, comunicação social, contos, mosaico e sucatas), atendimentos individuais e familiares.

Apesar de gratificante quando bons resultados são alcançados, não é fácil trabalhar com jovens, principalmente porque eles trazem ao centro da cena a criança e o jovem que fomos algum dia. Esta criança e o jovem que habitam em nós precisam estar bem tratados e acalmados para que a angústia não compareça do lado do profissional e ele tenha mais neutralidade psíquica para se colocar ao lado do jovem, entendê-lo, ser de valia para ele e realizar seu trabalho com competência e felicidade.

BIBLIOGRAFIA

- 1) CENTRO INTERDISCIPLINARIO DE ESTUDIO SOBRE EL NIÑO. Detras de las normas, el detalle: como responden los sujetos a los tropiezos de las regulaciones actuales. Buenos Aires Julho de 2000.
- 2) DOLTO, Françoise. O caso Dominique. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- 3) ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE – MG. Psicanálise e Saúde Mental. Curinga, nº 13. Belo Horizonte: EBP – MG, 1999.
 - a) A criança entre a mãe e a mulher. Curinga, nº 15 e 16. Belo Horizonte: EBP – MG, 2001.
- 4) FREUD, Sigmund. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- 5) LACAN, Jacques-Marie. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
 - a) O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
 - b) O Seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
 - c) O Seminário. Livro 4. As relações de Objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
 - d) O Seminário. Livro 5. As Formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
 - e) O Seminário. Livro 8. A Transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
 - f) O Seminário. Livro 10. A angústia. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
 - g) O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
 - h) O Seminário. Livro 17. O avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
 - i) O Seminário. Livro 20. Mais Ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
 - j) Nota sobre a criança. In Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- 6) LEFORD, Rosine. O nascimento do outro. Salvador: Fator, 1984.
- 7) LEFORT, Rosine. e LEFORT, Robert. Marisa - A Escolha Sexual da Menina. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- 8) MANNONI, Maud. A primeira entrevista em Psicanálise. Rio de Janeiro: Campus. 1982.
- 9) MILLER, Judith (Org.) A Criança no Discurso Analítico. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- 10) MILLER, Jacques Alain. A. Los signos del goce. Buenos Aires: Paidós, 1999.
 - a) El banquete de los analistas. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- 11) SAURENT, Marie-Jean. O infantil e a estrutura. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 1998.
- 12) SPITZ, René. O primeiro ano de vida. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- 13) VOLNOVICH, Jorge. Lições introdutórias à Psicanálise de crianças. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

⁵A Clínica na Escola: acompanhamento psicoterápico da criança com dificuldade escolar.